

“Práticas Pedagógicas nas Turmas Numerosas” no ensino -aprendizagem na disciplina de Educação Visual: “Trabalho com o Grupo como Alternativa de Gestão ”.

Por:

Mahomed Vali Ruas Jala

Resumo

A presente pesquisa tem como tema “Práticas Pedagógicas nas Turmas Numerosas” no ensino -aprendizagem na disciplina de Educação Visual na qual pretende-se optar por “Trabalho em Grupo como Alternativa de Gestão ”.

Neste contexto, pretende-se ajudar, directamente, o professor na planificação das actividades práticas para os alunos, podendo assim desenvolver as capacidades de percepção, observação, criatividade e reacção no aluno, intervindo na sua sociedade através da crítica e idealização do meio.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram entrevistados professores de Educação Visual, na qual se deseja saber de que forma está sendo implementada as actividades práticas, a contribuição dos alunos na aula e a satisfação do professor em função do desenvolvimento do aluno.

Os resultados do estudo mostram que os professores não relacionam as actividades práticas de acordo com a necessidade e realidade do aluno, e que os mesmos não se sentem satisfeitos com a sua evolução.

Por último de referir que, a não participação dos alunos na aula vai se intensificando devido a falta de meios de ensino específicos, para o professor, para estimular a aprendizagem de E.V.

Palavras-chave: Actividades Práticas; Estratégias de Ensino e Aprendizagem; Trabalho em Grupo.

1. Introdução

A disciplina de Educação Visual, ajuda-nos a descobrir o mundo a nossa volta, desenvolver a curiosidade em relação as coisas que nos rodeiam. (QUEIRÓS, s/d: 7)

As diversas críticas que a sociedade faz à escola, não envolvem os aspectos de contributo social, mas sim, acerca da *sua organização, do seu funcionamento, dos seus métodos, das práticas dos professores*, e as escolas, são acusadas na responsabilidade do fracasso da comunidade, do país em torno de diversas questões, como a de não preparar adequadamente os jovens para a vida social. (QUEIRÓS, s/d: 7)

Desta forma, a escola tem de se adaptar a uma realidade que caracteriza o mundo moderno, com as suas extremas desigualdades no campo social e económico e que se expandem até à esfera cultural e do conhecimento.

A escola deve criar os seus mecanismos próprios tendo em conta as necessidades e problemas que comportam no seu espaço, levando sempre em linha de consideração a valorização do crescimento humano, em proveito de uma sociedade melhor e mais equilibrada em termos de oportunidades. Desta forma permitirá que sejamos capazes de nos comunicar uns aos outros, através desta forma de expressão, “*aquilo que pensas, sentes, vês, ouves, tocas, usando os meios que aprenderes*”.

2. Fundamentação Teórica

Falar da educação é referir-se a um mundo de significados tais como: obtenção de qualidades ou estados subjectivos nas pessoas, processo que conduzem a eles, aspirações sociais compartilhadas, actividades familiares, política para a educação, actividades profissionais e institucionais, dentre outros.

De acordo com MINED¹ (1999: 7) *educação*:

“ ...é um processo pelo qual a sociedade prepara os seus membros para garantir a sua continuidade e o seu desenvolvimento. Trata-se de um processo dinâmico que busca, continuamente, as melhores estratégias para responder aos novos desafios que a continuidade, transformação e desenvolvimento da sociedade impõem”.

Para SOUSA, (2003: 25) “*O fim da educação (...) é a preparação de cada criança para o seu lugar na sociedade*”. Este posicionamento é reforçado por FREIRE (1989: 16), que considera não existir *Educação* fora da sociedade humana e não existir homens no vazio, e ela é dirigida por um processo na qual, podemos chamar de *processo de ensino e aprendizagem*. Ainda com estas palavras do FREIRE (1989), este processo recíproco corresponde a *transmissão* (ensinar) e *recepção* (aprender) de conhecimentos, atitudes, crenças, hábitos, experiências, etc.

¹ Ministério de Educação

Segundo SAMUEL; (2004: 01) a Educação Visual “é uma disciplina cuja aprendizagem é feita através de trabalhos práticos, realizados pelos alunos com o acompanhamento do professor”.

Por outro lado ALMEIDA & VELOSO; (s/d: 10) afirma que a *Educação Visual* é mais do que ver, mais do que observar, é agir. Neste caso, os alunos devem *agir* em função das condições criadas, pelo professor, para a realização desta.

Um dos objectivos da disciplina de Educação Visual é *aplicar os conhecimentos, as capacidades e habilidades na escola na família e nas comunidades, de forma criativa, crítica e competente*, de modo a satisfazer este objectivo deve se ensinar e aprender de acordo com as exigências da comunidade, cidade, país, etc. ... (MEC, 2004: 9)

Baseando-se nos objectivos da disciplina de E.V e na citação ALMEIDA & VELOSO; (s/d: 10), podemos dizer que o professor de Educação Visual deve criar, nos alunos, condições para o desenvolvimento das capacidades de *ver (fixar) e de observar (pesquisar, conhecer, apreciar)*, para posteriormente *agir (expressar, representar, projectar, recriar)*.

Ora, ver é mais do que isso. *Ver* é ir ao encontro das coisas, é a coordenação consciente de vários olhares, das diferentes sensações, das diferentes percepções, das próprias memórias que nos informam em boa medida os actos e as escolhas. Na verdade, porque não dizer: *ver é escolher, é julgar e é compreender*.

A disciplina de Educação Visual é uma disciplina onde as suas actividades são, meramente, prática. Nesse caso, há necessidade de definir a actividades práticas que é tido como Prática Pedagógica.

“A Prática Pedagógica é entendida com uma prática social orientada por objectivos, finalidades e conhecimentos (...) é uma dimensão da prática social que pressupõe que a relação teoria – prática, e é necessariamente o dever do professor buscar condições necessárias para a sua realização”.

(VIEGAS, 2008:16)

Actividades Práticas são acções que estão relacionadas ao saber do aluno. O saber é representado por um conjunto de ideias construídas pela teoria pedagógica, sistematizando a partir da prática sustentada dentro das condições concretas.

Para que a prática seja evolutiva, os alunos e professores têm necessidade de adquirir habilidades ou competências cooperativas. Por um lado, o professor tem que aprender a implementar esta

estratégia (*trabalho com o grupo*), estabelecendo e articulando exercícios que gradualmente permitam desenvolver nos alunos competências para trabalhar em grupos cooperativos.

Para DE SOUSA, (1995: 288) na disciplina de E.V, as actividades práticas, em grupo, devem ser feitas da seguinte maneira:

- Descoberta de uma necessidade;
- Avaliação de uma necessidade;
- Análise das soluções, tendo em conta: os custos, segurança, facilidade técnica, fiabilidade e fisionomia do produto;
- Realização da actividade.

2.1.Estratégias do trabalho com grupo utilizadas no PEA

São inúmeras técnicas utilizadas no PEA. Neste trabalho enunciaremos as técnicas correntemente utilizadas em E.V, que são: discussão circular, jornadas, oficina de trabalho, seminários e estudo de um caso.

Discussão circular

Para MARTINS (2000: 100), esta técnica é útil para:

- Agilizar o raciocínio individual.
- Rápida revisão do assunto.
- Comprovação do entendimento e dos pontos falhos.
- Dar oportunidade a todos de expressarem seu entendimento ou dúvida.

Seminário

DERKOSKI (1998: 28) apresenta 3 (três) aspectos de modo a trabalhar com a técnica, que são: *a utilidade, quando e como usar*, e *que a técnica é útil para*:

- Levantar problemas.
- Estimular a discussão em torno de um tema.
- Conduzir a conclusões pessoais, não levando necessariamente a conclusões gerais e recomendações.
- Estudar em grupo ideias, opiniões e sugestões de interesse de um determinado grupo.
- Propiciar a troca de experiências entre grupos com um mesmo interesse ou conhecimento.

Estudo de caso

Para MARTINS (2000: 104), esta é usada para:

- Detectar erros de solução;
- Explicar porque acham que está errado, incorrecto e incompleto;
- Notar o que faltaria ainda por fazer para completar a solução;
- Mostrar como ficaria no correcto.

Oficina de Trabalho

Esta estratégia surge para consolidar os conteúdos abordados nas 3 (*três*) estratégias anteriores (seminários, discussão circular e estudo de um caso).

Para MARTINS (2000: 118), esta estratégia visa desenvolver certas habilidades técnicas da área racional, que DERKOSKI (1998: 30) classificou -as em 3 (*três*) tipos, sendo elas:

- *Habilidades básicas*, aquelas essenciais para as pessoas descodificarem textos, símbolos, expressar suas ideias e saber comunicar-se verbalmente e por escrito;
- *Habilidades específicas*, aquelas relacionadas aos conhecimentos técnicos e cuja competências são demandadas por profissão, por actividade do mundo e do trabalho;
- *Habilidades de gestão*, relativas ao aprender a trabalhar em equipa, tomar decisões em conjunto, superar conflitos, planear em grupo, são habilidades vinculadas à organização do trabalho.

3. Opção metodológica

3.1. Tipo de pesquisa

O presente trabalho é uma pesquisa do tipo ***qualitativo***.

“**Pesquisa qualitativa** é uma pesquisa descritiva, em que os pesquisadores, interessam -se muito pelo processo do que pelos resultados, examinam os dados indutivamente e privilegiam os significados”. (BOGDAN e BIKLER *apud*. BOAVENTURA, 2007: 56)

3.2. Método de abordagem

O método utilizado nesta pesquisa foi o método *indutivo*, uma lógica que parte do particular para o geral. Permite fazer generalizações a partir de certos estudos individualizados. (LAKATOS e MARCONI, 2001: 106)

3.3.Tamanho e tipo de amostra

A amostra foi *aleatória*, aquela que é feita casualmente (GIL, 2002: 121). Neste tipo de caso as unidades são escolhidas inteiramente ao acaso, isto é, cada unidade do universo pesquisado tem a mesma chance de fazer parte da amostra e, portanto, representam as mesmas características encontradas no universo pesquisado. (JOSÉ DE CASTRO, s/d: 28)

3.4.Técnicas e instrumentos de recolha de dados

As técnicas usadas para a recolha de dados foram: a *observação directa não participante e a entrevista*.

3.5.Procedimento para análise dos dados

A base para decidir quais as categorias mais significativas para o estudo encontra-se nas perguntas formuladas. Nesta pesquisa usou-se como procedimento básico a *análise descritiva e interpretativa*.

4. Apresentação e Discussão dos Dados da Pesquisa.

Resultados apurados na entrevista dirigida aos professores.

a) *Abordagem dos métodos para o ensino de Educação Visual durante a formação e a sua aplicação.*

Quanto a abordagem dos métodos para o ensino de E.V, podemos constatar que todos os professores afirmam terem tido uma boa abordagem dos métodos.

Apesar de a maioria ter tido a abordagem dos métodos, há uma necessidade de capacitação dos professores para a leccionação de E.V, por que a aprendizagem é contínua e que os professores precisam de se actualizar acerca das descobertas ou inovações dos métodos de EA.

Esta capacitação ajudará a perceber as mudanças das gerações, currículos e do quotidiano dos alunos, e que isto é importante na orientação das actividades da disciplina.

A metodologia utilizada pelos professores de Educação Visual, varia bastante, segundo suas respostas, pois são eles: método expositivo, elaboração conjunta, actividade independente do aluno. Das respostas que se teve do método mais usado, é o de elaboração conjunta.

b) *Planificação e execução das actividades práticas de Educação Visual*

As actividades práticas são planificadas teoricamente e não são executadas, pelo professor, antes da aula, porque nas 6 (seis) observações feita as aulas, a 5 (cinco) professores, notámos que 1 (um) é que tinha feito um trabalho para a aula, como forma de planificação.

RIBEIRO (2006: 41), considera que, para dirigir com sucesso uma actividades práticas, o professor deverá antes fazer o próprio trabalho de modo a:

- Clarificar as normas de trabalho;
- Descrever as características gerais do trabalho que se vai desenvolver;

c) *Como são realizados os trabalhos práticos na sala de aula.*

Os trabalhos práticos realizados, pelos alunos, na sala de aulas são feitos individualmente. Os entrevistados defendem que os alunos trabalham individualmente, por que é do trabalho individual que eles procuram desenvolver as suas dificuldades, desenvolvem a capacidade de investigar para si próprio, a colher conhecimento e a aplicar.

No contexto avaliativo, os entrevistados afirmam que: se eles não se aplicarem, a sanção será individual e que eles serão capazes de reconhecer que nada fizeram para o seu desenvolvimento.

d) Avaliação sumativa como tomada de decisão na passagem de classe?

Dos 5 (cinco) entrevistados, 2 (dois) concordam com a modalidade de avaliação usada actualmente, *a avaliação sumativa como tomada de decisão*, sustentando que as notas são as que ditam a evolução dos alunos e os restantes 3 (três) não concordam.

Os três sugerem que esta deve ser feita através da avaliação formativa, alegando que a progressão é uma das condições da educação actual, e que um no PEA deve haver sempre progressão.

Exemplo do entrevistado “Benjamim²”: se no 1º teste tira nota...17, 2º: 8 e o 3º: 5...sinceramente, este não merecia passar...se houvesse mais 2 ou 3 testes por fazer, aí já saberíamos qual seria o fim deste aluno...porque...se formos a ver, a tendência dele sempre foi decrescente.

e) Na classificação, quais dos modos o professor associa à avaliação sumativa dos seus alunos.

Para o entrevistado “Abílio³” a avaliação sumativa como tomada de decisão, deveria ser acompanhado pela participação do aluno, e é onde ele consegue ver o *background*⁴ do aluno, por que questões de nota, o aluno pode ter copiado o colega.

A *progressão* como um auxílio da avaliação sumativa, foi proposto pelos entrevistados “Carlos⁵ e Dércio⁶”, que defendem que a educação deve ser feita gradualmente, e aí há necessidade de exigir no aluno a sua evolução.

“Benjamim e Elsa” associam a este, os três pontos por que Porque é a partir destes componentes que ocorre a qualidade do PEA e estes todos indicadores fazem parte de um aluno de qualidade.

f) Que dificuldades tem enfrentando na disciplina de Educação Visual.

As dificuldades enfrentadas na disciplina de E.V são: o elevado número de alunos por sala, a falta de material didáctico, os meios de ensino.

²,¹⁰,¹²,¹³ Nomes fictícios

¹¹ Conhecimento

A falta de material de trabalho constitui um dos principais obstáculos que os professores alegam para a não leccionação da disciplina e que material escolar constitui um dos aspectos mais importantes para garantir a qualidade no ESG. (MEC₁, 2009: 45)

g) Qual é a contribuição da escola no PEA de Educação Visual

Segundo os professores entrevistados, 3 (três) afirmaram que a direcção da escola não tem apoiado no ensino de Educação Visual, e em contrapartida o entrevistado “Carlos” assegura que a escola tem apoiado na medida do possível, sustentando se da seguinte maneira: “a escola tem organizado grupos de alunos a fim de concertar algumas carteiras, isto porque a escola não tem fundos para comprar carteiras e...os fundos para compra de carteira devem vir do MINED”.

Um dos entrevistados não se pronunciou acerca deste assunto. Perante estes dados, danos a perceber que a escola não tem feito de tudo para que o PEA em E.V seja bem sucedido.

h) O que deveria ser feito para melhorar o ensino de Educação Visual.

Analisando as respostas desta questão, todas as elas rondam na “construção de salas específicas para a disciplina de E.V”.

Apesar desta afirmação, constatamos que ainda há muitas dificuldades enfrentadas pelos professores na disciplina de E.V, desde da criação meios de ensino até a motivação por parte dos mesmos.

Resultados apurados na observação feita nas salas de aula.

a) Organização da sala de aula e a existência da motivação, de modo que haja uma participação activa dos alunos;

“No início da aula, a preparação dos alunos visa criar condições de estudo: mobilização da atenção para criar uma atitude favorável ao estudo, organização do ambiente, suscitando do interesse e ligação da matéria nova em relação à anterior”. (NIVAGARA, s/a: 77)

Para que uma aula ocorra com êxito, é necessário que se proporcione um *ambiente favorável* a esta e a *motivação* dos alunos, isto que não foi notável nas nossas observações. As salas onde ocorrem as aulas de E.V na estão munidas de carteiras, isto faz com que não haja uma

organização categórica que facilite a cooperação entre os alunos, e os alunos acabam sentados três a quatro alunos numa carteira.

A *motivação* “consiste em apresentar a alguém estímulos e incentivos que lhe favoreçam determinado tipo de conduta. Em sentido didático, consiste em oferecer ao aluno os estímulos e incentivos apropriados para tornar a aprendizagem eficaz as actividades práticas e exercícios práticos são fontes valiosas de incentivo”. (PILETTI, 1986: 233).

Durante as nossas observações, em 6 aulas, somente uma das 6 aulas é que houve motivação. Os professores que não se preocupam pela motivação dos seus alunos, isto faz com que as aulas corram risco de não mobilizar a actividade destes e os alunos não são suficientemente activados, o professor arrisca-se de desenvolver aulas monótonas, aquelas em que ele assume papel principal de “transmissor” da matéria, mesmo sem que os alunos estejam a adquirir e menos ainda a assimilar a matéria.

Se houvesse uma motivação para a aula, e por mais teórico que seja o trabalho ou a aula, os alunos conseguiriam acompanhar, colaborar, interessar-se no conteúdo da aula. E, nas observações não notámos a colaboração e participação dos alunos, e que as aulas foram mais expositivas.

b) Realização das actividades práticas

Na realização das actividades práticas, foram propostas actividades que achamos não interessar o aluno, e foram propostas não tendo em conta um dos passos proposto por DE SOUSA, (1995: 288) quando afirma que os trabalhos práticos devem ser feitos consoante a descoberta de uma necessidade e interesse do aluno.

Sendo “*normalização*”, um dos conteúdos dos trabalhos práticos, assistido por nos, optaríamos, que os alunos escrevessem os seus nomes em letras normalizadas.

Análise dos resultados

Na análise dos resultados da pesquisa tomou-se como referência as perguntas de pesquisas levantadas nesta Monografia.

De acordo com dados colhidos, verificou-se que os professores não relacionam as actividades práticas com a realidade do aluno, e que os alunos fazem os trabalhos individualmente e muitas vezes sem ajuda do professor.

Durante a aula os alunos contribuem quando são feitas perguntas, e em muitas vezes o professor tem que indicar um aluno por não existir um voluntário para responder a referida questão. Aliado a esta situação (não participação dos alunos na aula, e que muitas vezes não contribui na passagem do aluno para a classe seguinte) os professores não se sentem satisfeitos.

Proposta metodológica para a melhoria das actividades práticas nas aulas de Educação Visual

Para que haja boa aprendizagem sem sobre saltos, propomos que os professores de Educação Visual trabalhem com *grupos de trabalho*. Pois a razão que nos levam a propor a formação de grupos centra-se na uma gestão dos trabalhos, do tempo, participação dos alunos na aula e no papel do professor, que se converte num mediador.

Tendo em conta este exemplo proposto por MARTINS (1999: 51): “A” quererá trabalhar com “B”, não porque “B” é bom estudante, mas porque o acha simpático. Se “C” é melhor aluno, pode recolher, assim, menos voto que “B”. Propomos que os *grupos* devem ser *flexíveis* de 5-7 (de cinco á sete) elementos, cuja composição e extensão só deverá estar determinada em função das actividades escolares a resolver, das características dos espaços disponíveis e do tempos necessário para a sua realização.

Os *grupos flexíveis* são aqueles que os elementos de cada grupo fazem uma rodagem por todos os grupos. Se o 1ºG⁷ com elementos [A, B, C, D, E, F], 2º G com elementos [G, H, I, J, K, L] e [M, N, O, P, Q] do 3º G, a rodagem nas actividades práticas deve ser: a 1ª actividade deve ser como os grupos estão formados, na 2ª actividade “A, B, C” passam para o 2ºG, “G, H, I” passam para o 3ºG e “O, P, Q” passam para o grupo 1 e na 3ª actividade movem-se os elementos que não foram movimentados.

Neste caso, estaremos a prevenir que algo como o exemplo de MARTINS (1999) aconteça, porque neste caso todos trabalharão com todos.

Na realização das actividades práticas, os alunos fazem o trabalho dentro da sala de aulas, em grupo, e por fim, como trabalho de consolidação daquilo que se fez dentro da sala, eles devem repeti-los individualmente, seja, em casa ou na escola. Neste caso, os grupos fazem as propostas

⁷ Grupo

das suas actividades e o professor aprova, tendo em conta: a demanda e a necessidade do tema para o aluno, escola, comunidade.

Para que a aula seja mais comunicativa, os professores devem trazer fichas de apoio, uma aula antes da aula prevista, de modo que os alunos possam ter uma noção da aula daquilo que será a aula. E as actividades práticas não devem fugir deste contexto, os exemplos devem ser dados antes.

Por exemplo: Para uma aula de meios de expressões artísticas (*pintura*), podemos dizer: *na próxima aula iremos fazer um trabalho igual a aquele que está perto da praça dos heróis ou de um lugar mais próximo de todos (esta praça ou este lugar deve ser percebido por todos alunos). Isto obrigara os alunos a ir a este local a fim de observar este espaço.*

5. Conclusão

As aulas de E.V são quase expositivas, não diria totalmente expositivas porque os alunos somente contribuem em caso de serem feitas questões, e em algumas vezes o professor não tem tido resposta das questões. Um dos factores que leva uma aula a ser mais comunicativa entre o professor e o aluno é a motivação.

Feita a análise das respostas da entrevista e na observação, constatou-se que os professores têm inúmeras dificuldades de leccionar esta disciplina, devido a *falta de materiais e meios*, apesar de terem vários manuais que permitam que o professor a seleccionar exemplos de actividades práticas, a realizar com os seus alunos.

Aliado a estas dificuldades, podemos dizer que os professores não dão uma motivação eficaz aos alunos de modo que eles façam parte da aula, fazendo com que elas sejam mais expositivas, e que estes *materiais e meios* fazem parte da motivação do professor.

6. Bibliografia

ALMEIDA, Luís e VELOSO, Helena. *Educação Visual 6ª Classe – Desenhar, Pintar, Construir, Livro do Professor*. Porto Editora, Porto. s/a.

BOAVENTURA, Edivaldo M. *Metodologias de Pesquisa*. 1ª ed. São Paulo: Atlas. 2007

DE SOUSA, Rocha. *Didáctica de Educação Visual*. Universidade Aberta. Lisboa, 1995.

DERKOSKI. *Dinâmica do grupo*. Curso de gestão e práticas pedagógicas. Instituto superior de Educação. Brasil. 1998

- GIL, António Carlos. *Como Elaborar Projectos de Pesquisa*. 4^a ed. São Paulo: Atlas, 2002
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do Trabalho Científico*. 6^a ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- MARTINS, Hélder. *Metodologias de Aprendizagem por Solução de Problemas*. Volume: I. Editora 3^o milénio. Maputo. 1999.
- MEC. *Programa de ESG de Educação Visual*. 2004
- MEC₁. *Estratégias de Ensino Secundário Geral*. 2009
- MINED. *Programas das Disciplinas do Ensino Básico – II Ciclo*. ed. INDE/MINED, Maputo, 1999.
- NIVAGARA, Daniel. *Didáctica Geral: Aprender a Ensinar*. Modulo. Universidade Pedagógica. Maputo. s/a.
- PILETTI, Claudino, *Didáctica Geral*, São Paulo, Editora Ática. 1989
- PILETTI, Claudino, *Didáctica Geral*, São Paulo, Editora Ática. 1997
- QUEIROZ, Luís da Silva. *A disciplina de Educação Visual e Tecnológica em contexto escolar de diversidade cultural*. Mestrado em Relações Interculturais. Universidade aberta. Lisboa. 2007
- RIBEIRO, Celeste M.C. *Aprendizagem cooperativa na sala de aulas*. Dissertação de Mestrado em Biologia para o Ensino. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real. 2006.
- SOUSA, Alberto B. *Educação pela arte e artes na educação*. 1^o Volume. 2003
- UEM. *Educação e desenvolvimento humano: Percursos, lições e desafios para o século XXI*. Maputo, Moçambique. 2000.
- UP. *Normas para Produção e Publicação de Trabalho Científico*, Maputo, 2004.